

VALORES SOCIAIS, IGUALDADE DE GÊNERO E LIBERDADES CIVIS PARA AS MULHERES NO SÉCULO XXI

*SOCIAL VALUES, GENDER EQUALITY AND CIVIL
FREEDOMS FOR WOMEN IN THE 21ST CENTURY*

RESUMO

Igualdade de gênero é uma das promessas não resolvidas do processo de modernização. Portanto, o objetivo deste artigo é analisar e cruzar dados quantitativos sobre desigualdade de gênero, sobre valores sociais de igualdade/desigualdade de gênero e sobre a liberdade civil para as mulheres. Os dados são da sétima rodada (2017/2020) da pesquisa mundial de valores - world values survey (WVS), do índice de desigualdade de gênero (IDG) de 2019, medido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), e, por fim, os dados sobre liberdade civil das mulheres produzidos pelo projeto Varieties of Democracy (V-Dem) para o ano de 2020. O artigo é sobre levantamento de dados e a análise é transversal com o uso de técnicas de aprendizado de máquina e da estatística frequentista. A hipótese é que os países com menos desigualdade de gênero e mais liberdades civis são marcados por homens com mais abertura para valores sociais de igualdade de gênero. Os países com mais desigualdade de gênero e menos liberdades civis são os países com homens mais resistentes aos valores sociais de igualdade de gênero. Os setenta e dois países foram agrupados em quatro grupos segundo o algoritmo do agrupamento hierárquico para as respostas dos homens sobre a igualdade/desigualdade de gênero em relação a questões políticas e do mundo do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Desigualdade de gênero. Valores sociais. Liberdade civil.

ABSTRACT

Gender equality is one of the unresolved promises of the modernization process. Therefore, the aim of this article was to analyze and cross-reference quantitative data on gender inequality, on social values of gender equality / inequality and on civil freedom for women. The data are from the seventh round (2017/2020) of the world values survey (WVS), of the gender inequality index (IDG) of 2019, as measured by the United Nations Development Program (UNDP), and, finally, the data on women's civil liberty produced by the Varieties of Democracy (V-Dem) project for the year 2020. The article is about data collection and the analysis is

transversal with the use of machine learning techniques and frequentist statistics. The hypothesis is that countries with less gender inequality and more civil liberties are marked by men who are more open to social values of gender equality. The countries with the most gender inequality and the least civil liberties are the countries with men who are most resistant to the social values of gender equality. The seventy-two countries were grouped into four groups according to the hierarchical grouping algorithm for men's responses to gender equality / inequality in relation to political and labor issues.

KEYWORDS: Gender inequality. Social values. Civil liberty.

INTRODUÇÃO

Como observa Varikas (2009, p. 116), “princípio fundador dos sistemas políticos universalistas, a igualdade é, porém, uma das promessas mais inacabadas da modernidade”. Ainda que, como também observaram Inglehart e Welzel (2009, p. 18), “a modernização está caminhando para um processo de desenvolvimento humano, no qual o desenvolvimento socioeconômico produz mudanças culturais que tornam a autonomia individual, a igualdade de gênero e a democracia cada vez mais prováveis”. O objetivo deste trabalho é analisar apenas os impasses relacionados à igualdade de gênero.

Para tanto, seguindo os passos de Inglehart e Welzel (2009), os dados de cultura (valores sociais) associados a noções de igualdade/desigualdade de gênero entre homens e mulheres são cruzados a partir de duas dimensões: trabalho e política. Por isso, tais dados são articulados com índices que tratam do desenvolvimento humano, mas especificamente no que concerne ao Índice de Desigualdade de Gênero (IDG) medido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), e dados que tratam do desenvolvimento político das mulheres, como o Índice de Liberdades Civas das Mulheres (ILCM) medido pelo projeto Varieties of Democracy (V-Dem). A metodologia é quantitativa, baseada em análise transversal de indicadores sociais e dados de survey, a partir de técnicas estatísticas de regressão, de gráfico de dispersão para a análise final dos cruzamentos das variáveis de cultura, de desigualdade e de liberdade, e de aprendizado de máquina não supervisionado de agrupamento hierárquico (AH/ hierarchical clustering) para o agrupamento dos setenta e dois países a partir das respostas dos homens sobre as escalas de valores sociais de igualdade/desigualdade de gênero.

A hipótese central corrobora a tese de Inglehart e Welzel (2009) de que a minimização da desigualdade de gênero, bem como da ampliação das liberdades civis das mulheres, depende não apenas do desenvolvimento socioeconômico, mas do fortalecimento de uma nova cultura política e social amparada na aceitação da igualdade de gênero. A hipótese é testada em setenta e dois países, demonstrando que países com menos desigualdade de gênero e mais liberdades civis para as mulheres são os países com homens mais favoráveis aos valores sociais de igualdade de gênero.

MÉTODO

Os valores sociais sobre a igualdade/desigualdade de gênero entre homens e mulheres fazem parte da dimensão de valores sociais, atitudes e estereótipos

do questionário da WVS. Todas as informações e documentação sobre a sétima rodada (planilhas, questionários, notas metodológicas) podem ser acessadas em Inglehart (2020). Os valores sociais sobre a igualdade/desigualdade de gênero são constituídos por cinco perguntas em forma de escala. Quatro delas numa escala de quatro pontos (concorda totalmente, concorda, discorda e discorda totalmente): “quando a mãe tem um trabalho remunerado, as crianças sofrem (H1)”, “de modo geral, os homens são melhores líderes políticos do que as mulheres (H2)”, “fazer faculdade é mais importante para os homens do que para as mulheres (H3)” e “de modo geral, os homens fazem negócios melhores do que as mulheres (H4)”. E uma pergunta numa escala de três pontos (concordo, nem concordo/nem discorda, discordo): “quando há poucos empregos, os homens devem ter mais direito a um emprego do que as mulheres (H5)”. Nas duas escalas, originalmente, os valores menores são para as opções de concordância, e os valores maiores são destinados às discordâncias. Nesse sentido, quanto maior a média das respostas, maior discordância com as afirmações preconceituosas da escala de valores sociais. E, pelo lado oposto, quanto menor a média, mais concordância com os enunciados preconceituosos. A WVS, na sua sétima rodada, foi aplicada em 77 países de todos os continentes, com mais de 124 mil entrevistas. Fazem parte da amostra deste estudo: 72 países (Quadro 1) de todos os continentes.

Para a análise e tratamento dos dados da WVS foram utilizados os softwares estatísticos Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), v.26 e JASP, v. 0.14.1. O algoritmo do AH foi estruturado a partir das seguintes definições: distância “euclidiana”, ligação “Ward.D2” e as variáveis em “escala”. Esse algoritmo do aprendizado de máquina não supervisionado é voltado para funcionar sem indicações prévias dos pesquisadores quanto aos agrupamentos resultantes (BRUCE; BRUCE, 2019).

Quanto aos índices, o IDG é uma medida matemática que oscila entre zero (nenhuma desigualdade) e 1 (total desigualdade entre homens e mulheres), representando a desigualdade de condições entre homens e mulheres, composta a partir de dados objetivos compilados das estatísticas oficiais dos países (HDR, 2020). O ILCM é uma medida escalar (COPPEDGE, 2021) baseada na pergunta: “Do women have the ability to make meaningful decisions in key areas of their lives?”, respondida por mais de 3 mil especialistas no mundo, mas também baseada em documentos e dados oficiais (sobre a composição do índice e coleta de dados, ver COPPEDGE, 2021a). Ela varia de zero (nenhuma liberdade) e 1 (total liberdade).

RESULTADO

A Tabela 1 revela os índices de capacidade explicativa e de validação do agrupamento hierárquico (AH) a partir dos resultados de R2 (explicação da variabilidade) e de qualidade com as medidas de Akaike Information Criterion (AIC) e Bayesian Information Criterion (BIC), além do resultado de quantidade de grupos e de países por grupo. Quanto mais perto de 1 o resultado do R2, mais capacidade explicativa o resultado demonstra. No caso das medidas AIC e BIC, quanto menor o resultado, mas válido ele se apresenta.

Tabela 1. Índices dos modelos de aprendizado de máquina.

| | Grupos | Tamanho dos Grupos | R ² | AIC | BIC | Silhueta |
|------------------------------|--------|---------------------------|----------------|--------|--------|----------|
| Agrupamento hierárquico (AH) | 4 | 1(26), 2(8), 3(18), 4(20) | 0,77 | 123,80 | 168,92 | 0,35 |

Obs.: o modelo foi otimizado em relação ao valor BIC.

Fonte: elaboração dos autores.

A Tabela 2 revela as médias de cada questão para os grupos resultantes do AH. As médias menores representam mais concordâncias com os enunciados preconceituosos com as mulheres nos ambientes de trabalho e política.

Tabela 2. Médias das respostas dos homens para cada pergunta.

| | H1 | H2 | H3 | H4 | H5 |
|---------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Grupo 1 | -0,11 | 0,26 | 0,18 | 0,29 | 0,11 |
| Grupo 2 | -1,81 | -1,49 | -0,88 | -1,51 | -1,55 |
| Grupo 3 | 1,02 | 1,22 | 1,13 | 1,2 | 1,3 |
| Grupo 4 | -0,55 | -0,83 | -0,89 | -0,86 | -0,69 |

Fonte: elaboração dos autores.

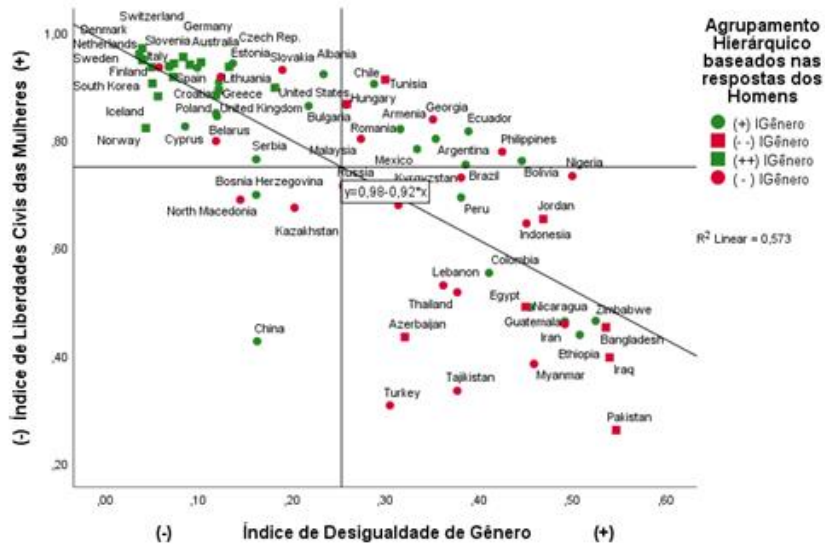
Quadro 1. Países agrupados no AH.

| Grupos | Países |
|---------|--|
| Grupo 1 | Albânia, Argentina, Bolívia, Bosnia-Herzegovina, Brasil, Bulgária, Chile, China, Colômbia, Chipre, República Checa, Equador, Etiópia, Grécia, Guatemala, Hungria, Itália, Japão, México, Montenegro, Nicarágua, Peru, Polônia, Romênia, Sérvia, Zimbábue |
| Grupo 2 | Armênia, Azerbaijão, Bangladesh, Egito, Iraque, Jordânia, Paquistão, Tunísia |
| Grupo 3 | Austrália, Austria, Croácia, Dinamarca, Estônia, Finlândia, França, Alemanha, Islândia, Holanda Nova Zelândia, Noruega, Eslovênia, Espanha, Suécia, Suíça, Reino Unido, EUA. |
| Grupo 4 | Belarus, Geórgia, Indonésia, Irã, Cazaquistão, Quirguistão, Líbano, Lituânia, Malásia, Myanmar, Nigéria, Macedônia, Filipinas, Rússia, Eslováquia, Coreia do Sul, Tajiquistão Tailândia, Turquia, Vietnã |

Fonte: elaboração dos autores.

O Gráfico 1 traz as informações cruzadas das três grandes dimensões do trabalho: desigualdade de gênero (IDG), liberdade civil das mulheres (ILCM) e os agrupamentos hierárquicos dos 72 países a partir das respostas dos homens sobre valores sociais relacionados à igualdade/desigualdade de gênero. Os grupos foram traduzidos pelo sentido das médias (Tabela 2). Por isso, o grupo 1 é o do (+) IGênero (homens com certo apoio à igualdade de gênero). O grupo 2 é o (-) IGênero (homens com mais concordância com a desigualdade de gênero); o grupo 3 é o (++) IGênero (homens com mais apoio à igualdade de gênero); e o grupo 4 é o (-) IGênero (homens com certa concordância com a desigualdade de gênero).

Gráfico 1. Análise dos dados de cultura, liberdade e desigualdade para 72 países.



Fonte: elaboração dos autores.

DISCUSSÃO

O Gráfico 1 condensa todas as informações importantes para a testagem da hipótese central do trabalho. Nele, há o cruzamento de três dimensões de variáveis: o agrupamento dos países em quatro grupos com diferentes reações às perguntas dos valores sociais relacionados à igualdade/desigualdade de gênero; o eixo x mostra a distribuição dos países pelo gradiente dos índices de desigualdade de gênero (que oscilam entre zero e 1), e o eixo y traz a distribuição dos países pelo índice de liberdade civil das mulheres (que também oscila entre zero e 1). Também é informado no gráfico o resultado da regressão entre o cruzamento dos dois índices, o R² 0,573 (valor-p < 0,01) que demonstra a boa associação entre esses dois índices que medem a desigualdade de gênero e a liberdade civil das mulheres.

A distribuição dos países pelos grupos a partir das respostas dos homens às perguntas sobre os valores sociais é fundamental para a testagem da hipótese de que países com menos desigualdade de gênero e mais liberdade civil para as mulheres também são os países com homens mais apoiadores dos valores de igualdade de gênero. Os países representados pela cor verde estão situados no quadrante esquerdo do lado de cima do gráfico (ligação dos pontos de mais liberdade e menor desigualdade). Também há uma maior concentração de países representados pela cor vermelha na parte inferior /direita do Gráfico 1. Dessa forma, esses países possuem homens que valorizam menos a igualdade de gênero, além de terem mais valores de desigualdade e menos valores de liberdade para as mulheres.

Conforme a hipótese, os homens podem representar uma forte resistência para que as mulheres possam diminuir a distância no mundo do trabalho e na política,

mas pode-se observar que já existe uma boa quantidade de países com homens mais abertos às ideias de igualdade de gênero até mesmo para os países com índices mais baixos. Nesse sentido, destacam-se os países como a Etiópia, a Nicarágua e o Zimbábue que apesar de estarem situados no quadrante menos favorável às mulheres, têm médias nacionais das respostas dos homens que apontam para uma visão menos preconceituosa das mulheres na política e na economia (como pode ser visto nas médias gerais do grupo 1 na Tabela 2). Já os casos de países latino-americanos como o Brasil, o Chile, a Argentina, o México, a Bolívia, o Equador e o Peru estão situados na parte superior do Gráfico, mas não do lado esquerdo, ou seja, da maior desigualdade de gênero. Todos eles estão no grupo 1, o que revela melhores condições civis para as mulheres, mas ainda têm problemas referentes a igualdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fim da desigualdade de gênero depende da ampliação do processo de modernização iniciado ainda no século XVIII. Mas tal processo precisa ser sustentado por outras bases culturais. Ainda há países com muitos homens resistindo às teses da igualdade de gênero, enquanto outros até já possuem resultados objetivos adequados, especialmente no caso do IDG. Nas últimas décadas houve um desenvolvimento grande nas técnicas estatísticas de análise, especialmente pela criação de algoritmos fundados no aprendizado de máquina. As máquinas têm ajudado os humanos na explicação de fenômenos sociais, aprofundando ainda mais a capacidade de denúncia das injustiças e desigualdades.

REFERÊNCIAS

BRUCE, Peter; BRUCE, Andrew. Estatística prática para cientista de dados: 50 conceitos essenciais. Rio de Janeiro: Alta Books, 2019.

COPPEDGE, Michael, et al. Projeto Varieties of democracy (V-Dem): "V-Dem Codebook v11.1", 2021.

COPPEDGE, Michael et al. V-Dem methodology v11.1. Varieties of Democracy (V-Dem) Project, 2021a.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Human development reports, 2020. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/indicators/68606>>. Acesso em: 24 abr. 2021.

INGLEHART, Ronald. et al. World values survey: round seven, country-pooled datafile. Madrid, Spain, Vienna, Austria: JD Systems Institute & WVSA Secretariat, 2020. Doi.org/10.14281/18241.1.

INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. Modernização, mudança cultural e democracia: a sequência do desenvolvimento humano. São Paulo, Francis, 2009.

VARIKAS, Eleni. Igualdade. In: HIRATA, Helena et al. Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

Recebido em: 19-08-2021

Aceito em: 28-09-2021